

A estereotipagem do sujeito surdo na TV aberta no Brasil

Stereotyping of the deaf subject on broadcast television in Brazil

Welington Ribeiro de SOUZA¹

Resumo

Pretende-se neste artigo promover uma discussão concernente à (in)acessibilidade e ao processo de estereotipagem na representação do sujeito surdo na TV aberta brasileira. Para tanto, realizou-se uma investigação de caráter qualitativo e exploratório que teve como principal arcabouço teórico os estudos de Hall (2016). Desse modo, foi possível analisar o processo da estereotipagem observando os seus estágios, como, a “fixação da diferença” e a “exclusão do sujeito”, pela representação da *Bixa Muda* nos programas de entretenimento. Concluiu-se, com base no material perscrutado, que a representação do surdo é estereotipada, a sua diferença é fixada pela ridicularização/comicidade.

Palavras-chave: Surdo. diferença. estereotipagem. TV aberta brasileira.

Abstract

This article aims to promote a discussion regarding (in)accessibility and the stereotyping process in the representation of deaf people on Brazilian broadcast television. To this end, a qualitative and exploratory study was conducted, using Hall's (2016) studies as its main theoretical framework. Thus, it was possible to analyze the stereotyping process by observing its stages, such as the "fixation of difference" and the "exclusion of the subject," through the representation of the *Bixa Muda* in entertainment programs. Based on the material analyzed, it was concluded that the representation of deaf people is stereotypical, their difference being fixed through ridicule/comedy.

Keywords: Deaf. Difference. Stereotyping. Brazilian broadcast television.

Introdução

Embora as comunidades surdas possuam uma língua, uma cultura e identidades singulares, muitas vezes, existe o rechaço por parte da majoritária população ouvinte – compreendida como “normal” –, visto que a sinalização tende a ser percebida por incomunicabilidade. Logo, “o surdo é tido como inútil e/ou improdutivo quando não

¹Doutorando em Língua e Cultura na Universidade Federal da Bahia (UFBA).
E-mail: welington0303@hotmail.com

consegue se comunicar oralmente como os ouvintes etc. Isto é assim mesmo” (Thoma, 2005, p.124). Por esse motivo, historicamente, a participação dos surdos nas mais diversas esferas sociais ainda é incipiente, inclusive nas mídias.

As comunidades surdas brasileiras conquistaram o direito linguístico – em decorrência, por exemplo, da Lei de Libras, nº 10.436/2002, e o do Decreto 5.626/2005 – e, com isso, acessaram alguns espaços na sociedade. A acessibilidade para esse grupo ainda não se coaduna com o que diz a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), que discorre sobre o direito da pessoa com deficiência ao acesso à informação e à comunicação. Na TV brasileira são raras as emissoras com acessibilidade e que inserem a janela do intérprete para possibilitar o entendimento da informação pelos surdos. Além disso, quando o sujeito surdo aparece nas emissoras, é recorrente a abordagem clínica, dando ênfase à sua diferença.

Segundo Hall (2016), a “diferença” é ambivalente, pois pode ser tanto positiva quanto negativa. Por um lado, pode ser entendida como desencadeadora de cultura, de língua e de identidades de um grupo de pessoas – como ocorre com a comunidade surda –, por outro lado, é pela diferença que são estabelecidas as hierarquizações entre os grupos, de modo que aqueles considerados destoantes dos padrões são desfavorecidos, tal como ocorre com os estereótipos criados em torno de quem usa o corpo para se comunicar. Embora o autor mencionado não trate diretamente sobre os surdos, a sua análise sobre a diferença os inclui, uma vez que esses sujeitos representam uma minoria justamente pela sua diferença, a sua forma de comunicação.

Diante desse panorama, propomos neste artigo, por meio de uma investigação de caráter qualitativo e exploratório, analisar como a figura da *Bixa Muda*², em programas de entretenimento, revela nuances do processo da estereotipagem do sujeito surdo na TV aberta brasileira, o que pode explicar também a falta de acessibilidade no universo televisivo. Hall (2016) assevera que a representação do sujeito pela estereotipagem sucede da seguinte maneira: Inicialmente, “[...] se apossam das poucas características [...] sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois exagerados e simplificados [...] a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (Hall, 2016, p.191); Por conseguinte, faz-se a distinção do que é normal e

² Trata-se de uma mulher trans com surdez.

anormal; Por fim, exclui tudo o que é diferente. O autor complementa que a estereotipagem

[...] estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “outro”, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre nós e eles. (Hall, 2016, p.192)

Tendo em vista esse fenômeno postulado por Hall, infere-se que por meio do efeito de fechamento e de exclusão, existe a fixação dos sentidos de “surdo” a partir do que é considerado padrão pelas convenções sociais, cuja modalidade de comunicação é a oral e auditiva.

Além da introdução e das considerações finais, este artigo está estruturado da seguinte maneira: com base nos estudos de Strobel (2008, 2009), a seção denominada “As abordagens sobre a surdez”, realizaremos uma exposição no que concerne às perspectivas sobre a surdez, a saber, a visão clínico-terapêutica, que desconsidera a culturalidade surda, e a visão socioantropológica, que reconhece na surdez uma peculiaridade da cultura e das identidades. Por conseguinte, em “A diferença do sujeito surdo: o processo da estereotipagem”, tomando por referência as proposições de Hall (2016), discorreremos a respeito do processo de estereotipagem do sujeito surdo em virtude de sua diferença comunicacional. Por fim, na seção “A (in)acessibilidade e a estereotipagem do surdo na TV brasileira” serão observados, com base nas aparições da *Bixa Muda* em emissoras brasileiras, alguns pormenores que influenciam o modo de representação e estereotipagem da comunidade surda na mídia.

As abordagens sobre a surdez

Karin Strobel [autora surda] associa o silenciamento da representatividade surda na história ao silenciamento dos negros e índios na colonização. Strobel (2009) explica que, embora existam registros históricos sobre esses grupos, outras fontes importantes foram omitidas, bem como o que essas minorias pensam enquanto vivenciam o apagamento. Nesse sentido, a história “válida” é a versão dos outros, os colonizadores de surdos, negros e índios, ou seja, os ouvintes brancos.

Ao longo da história, os surdos foram representados de modo que sua diferença – a comunicação corporal – fosse vista como sinônimo de patologia e afins. Diante desse

fato, Strobel (2009) sintetiza os diferentes olhares sobre os surdos na história, ainda que haja excessiva valorização do historicismo/ história hegemônica vinculada ao colonizador ouvinte. Assim, de acordo com esse ponto de vista, os surdos são narrados como deficientes e patológicos. Por outro lado, a história cultural é a perspectiva na qual a língua, a cultura e as identidades dos surdos são valorizadas, em que se desconsidera o ponto de vista da história ditada pelo colonizador. Há ainda a visão crítica, uma forma híbrida entre o historicismo e a história cultural, caracterizada por um jogo de “camuflagem” que serve para mascarar uma falsa representação cultural, tal como, quando o surdo é visto como um “coitadinho” que precisa de caridade.

As visões apresentadas por Strobel (2009), no que dizem respeito a representação dos surdos na história a partir do olhar do outro, estão imbricadas com os dois principais vieses de apreensão dos sujeitos surdos, a saber: o socioantropológico e o clínico-terapêutico. O primeiro diz respeito à surdez culturalizada, o segundo à surdez patologizada. Existe um grande tensionamento ideológico entre essas duas perspectivas, sobretudo entre as áreas educacional e da saúde, uma vez que os educadores de surdos compreendem a surdez como uma característica e a língua de sinais como artefato cultural constitutivo das identidades. Por outro lado, a área clínica percebe a surdez enquanto falta e patologia que necessita ser “consertada”.

Segundo Oliveira (2011), a visão clínico-terapêutica considera o indivíduo com algum grau de surdez como deficiente, ao passo que, segundo a visão socioantropológica, “[...] o surdo não é tido como alguém que tem uma patologia que precisa ser eliminada, mas sim como uma pessoa normal, e a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento cognitivo dessa pessoa [...]” (Oliveira, 2011, p. 89).

Colocamos em evidência a dicotomia: audição *versus* surdez. Desse modo, compreendemos a surdez justaposta à audição, com isso, temos o resultado do “diferente”, pois majoritariamente os sujeitos são ouvintes e tudo que foge desse padrão é tido como estranho. Posto este comentário, percebe-se que é recorrente o entendimento das relações sociais mediante o processo das dualidades comparativas, que culmina na diferença do outro.

Nessa perspectiva, a compreensão do surdo como diferente só é possível quando comparado com o ouvinte. Destarte, trazemos a reflexão: como a surdez tem sido interpretada/representada? Como falta ou como marca cultural?

Embora as práticas do oralismo sejam arcaicas, elas predominam até os dias de hoje. Integrada à perspectiva clínico-terapêutica, o oralismo prevalece na práxis da área de saúde, por exemplo. Segundo Skliar (1997), 95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, que, na maioria das vezes, desconhecem ou rejeitam a língua de sinais. Assim, é recorrente que, quando a surdez é diagnosticada, a família, condicionada pelos padrões baseados na dualidade normalidade *versus* anormalidade, busque “corrigir” o que está “errado” no corpo do surdo. Logo, por indicação médica, a criança é submetida ao uso de aparelho auditivo móvel, ao treino da fala oral, aos procedimentos cirúrgicos, bem como, ao implante coclear³. Sobre esse fato, segundo Thoma (2002),

Ao longo de séculos os surdos têm sido fixados em lugares de subjugação, inferioridade e primitivismo, narrados sob parâmetros de configurações binárias de normalidade e anormalidade. Entre os tantos investimentos na fixação do outro surdo como um anormal a ser normalizado encontramos, hoje, a proposta de cura definitiva da surdez através de cirurgias colocadas pelo discurso biomédico e tecnológico. (Thoma, 2002, p. 58)

Essas tentativas de normalização do sujeito com surdez estão atreladas ao modo pelo qual, com base em si próprio, cria-se o diferente. No caso supracitado, é conferido o caráter da ótica clínica. Em contraponto, segundo o viés socioantropológico, converte-se a diferença da pessoa com surdez – quando contrastada a quem tem audição – em peculiaridade cultural e identitária, dessa maneira, é mediante a diferença em relação ao outro que se torna possível sua constituição enquanto sujeito cultural, com múltiplas identidades. Em consonância, Strobel afirma:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (Strobel, 2008, p. 24)

Nessa linha de pensamento, os sujeitos com surdez não são considerados deficientes auditivos (DA), mas são identificados enquanto surdos, que têm uma forma linguística de modalidade visual-motora-espacial que lhes possibilita a comunicação no

³ Procedimento cirúrgico que consiste no implante parcial de dispositivo eletrônico na cóclea que, por meio de estímulos elétricos, visa a substituição da função do ouvido interno.

meio social. São pelos movimentos comunicacionais entre esses sujeitos que a cultura e as identidades surdas emergem. Sobre isso, Strobel (2008) aponta que a formação das identidades surdas ocorre a partir de comportamentos transmitidos coletivamente pelo “povo surdo”⁴.

Diante do que fora aludido, percebe-se que as representações dos sujeitos surdos até os dias atuais são estabelecidas por meio da tensão entre ideologias atreladas às perspectivas socioantropológica e clínico-terapêutica, ou seja, por dualidades que enfatizam a diferença do outro.

A diferença do sujeito surdo: o processo da estereotipagem

As sociedades são constituídas com base em alicerces simbólicos das relações de poder que fundamentam um ambiente modelizado por binarismos, como opressor *versus* oprimido. Os grupos minoritários não podem ser delimitados segundo dados quantitativos, pois eles se constituem por meio do processo histórico-cultural-ideológico. A esse respeito, Orlandi (2014) comenta sobre a maneira pela qual se determina uma minoria, apontando como fator determinante a representatividade social, tal como, na participação política: “Contemporaneamente o conceito de minoria supera as questões numéricas e se constitui a partir de demandas diferenciais, com características culturais e contra-hegemônicas” (Mattos *apud* Orlandi, 2014, p. 30).

Posto isso, focamos a atenção sobre as comunidades surdas como minorias. A peculiaridade [diferença] comunicacional desse grupo social caracteriza sua constituição cultural, bem como sua representatividade como minoria. Hall (2016) afirma que a “diferença” é ambivalente, pois ela pode ser tanto positiva quanto negativa. As interpretações e significações a respeito dos surdos se estabelecerão congruentemente à formação discursiva (FD)⁵ ocupada pelos outros que os “leem”. Nessa dinâmica, os surdos são submetidos à multiplicidade de sentidos, que, por sua vez, não são estáticos. Segundo Hall (2006),

⁴ Strobel (2008) utiliza “povo surdo” para se referir a todas as pessoas surdas. O termo “povo” remete ao pertencimento a uma nação, por exemplo, o povo brasileiro pertence à nação Brasil. Embora tenha correlação com o nacionalismo, “povo surdo” não se limita à ideia de pertencimento territorial.

⁵ Orlandi (2013) define formação discursiva como aquilo que, em uma dada formação ideológica, determina o que deve ser dito.

As palavras são “multimoduladas”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea da nossa língua. (Hall, 2006, p. 41)

Em consonância, Orlandi (2013) assinala o fenômeno de que todos os discursos são derivados de discursos anteriores. A autora ainda ratifica que não existiriam sentidos sem que houvesse repetições, as paráfrases. A analista de discurso, assim como Hall, defende a proposição de que os sentidos são dispersos e que uma mesma palavra pode ter efeitos de sentidos múltiplos e podem ser antagônicos. Para a autora “uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva” (Orlandi, 2013, p. 60).

Em suma, a palavra “surdo” assume diferentes significados dependendo da perspectiva de quem a utiliza: um militante da comunidade surda e um defensor da reabilitação auditiva a entendem de formas distintas. Este funcionamento mostra como elementos simbólicos, como ideologia e cultura, se entrecruzam na construção dos sentidos e das múltiplas representações do sujeito.

Em uma abordagem dialógica, Hall (2016) fala acerca dos sentidos possíveis de serem construídos frente às representações dos sujeitos, mais especificamente, aborda a representação como uma prática de produção de significados - “flutuantes”.

[...] é comum que as pessoas significativamente diferentes da maioria em algum aspecto – “eles” em vez de “nós” – fiquem expostas a esta forma binária de representação. Elas parecem ser representadas por meio de extremos acentuadamente opostos, polarizados e binários – bom/ mau, civilizado/ primitivo, feio/ excessivamente atraente, repelente por ser diferente/ cativante por ser estranho e exótico. E, muitas vezes, elas são obrigadas a ser as duas coisas ao mesmo tempo! (Hall, 2016, p. 145)

Nessa vertente de pensamento, Hall (2016) apresenta a estereotipagem como fator relevante à significação da representação. O autor reconhece o caráter ambivalente da identidade, entretanto, não desconsidera a existência dos estereótipos, que:

[...] *se apossam* das poucas características “simples, vividas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é *reduzido* a esses traços que são, depois, *exagerados e simplificados* [...] *a estereotipagem reduz*,

essencializa, naturaliza e fixa a 'diferença' [...] a estereotipagem implanta uma estratégia de 'cisão', que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida, exclui ou expele tudo o que não cabe, o que é diferente. (Hall, 2016, p. 191)

Em face do exposto, colocamos em evidência algumas das estereotipagens construídas em relação aos surdos na dinâmica das relações sociais. Conforme apontamos anteriormente, indicamos a modalidade comunicacional utilizada pelos surdos como uma das suas diferenças, como parte de sua identidade cultural. Segundo Hall (2009) “a identidade opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeito de fronteiras’” (Hall, 2009, p. 106).

Dito isso, conjecturamos que a língua de sinais tende a ser a marca desencadeadora da estereotipagem, tal como ocorre com a tonalidade da pele negra. Embora tenham percursos históricos diferentes, ambas as minorias são estereotipadas por meio de seus corpos: os surdos pela modalidade linguística – pelo corpo de quem sinaliza – e os negros pela cor da pele.

O elo entre corpo e língua possibilita a materialidade da comunicação sinalizada. O corpo em questão, desde a Antiguidade, por sua “estranha” forma de gesticulação, suscitou matrizes de sentidos pejorativas. Strobel (2008) relata as mazelas sociais vividas pelos surdos, como a escravidão, os sacrifícios, as proibições, a animalização, a patologização, dentre outras. O surdo em detrimento ao ouvinte (“normal”), é estereotipado, torna-se minimizado.

*A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “outro”, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre nós e eles. (Hall, 2016, p.192)*

Em meio às tensões estabelecidas pelas relações de poder entre os grupos de surdos e as sociedades ouvintes, decorre que os surdos fazem parte de uma minoria e não se enquadram nos padrões de normalidade estabelecidos/impostos pela hegemonia. Nesse sentido, afirmamos que, ainda hoje, a despeito da sua potencialidade comunicacional, a língua de sinais é estereotipada, assim como os sujeitos. Isso está imbricado nas relações de poder historicamente estabelecidas. Para Hall (2016) “a estereotipagem tende a ocorrer onde existe enormes desigualdades de poder” (Hall,

2016, p.192). A consequência dessa estrutura simbólica é a exclusão do surdo, uma vez que, pela sua forma de comunicação, em diversos espaços e prerrogativas sociais são inviabilizados. A comunidade minoritária é calada.

Esse fato nos dá margem para compreender que os estereótipos criados em relação aos surdos surgem sobretudo pela modalidade linguística, cuja materialização exige a articulação do corpo. Embora os ouvintes também façam uso do corpo para o estabelecimento da comunicação, nos surdos o corpóreo comunicacional é potencializado, com isso, o comportamento das pessoas surdas passa a ser estereotipado. Por consequência, a comunidade surda é reduzida, por exemplo, a patológica, irracional, incapaz, pervertida, periculosa, coitada. Essas rotulações preconceituosas advêm do fato de os surdos não utilizarem a língua oral, como a maioria ouvinte. Dessa forma, a diferença dos surdos é confrontada ao “normal” da sociedade, da qual decorre a exclusão.

Nesta direção, Hall (2016) comenta acerca da ambivalência da diferença, bem como os antagonismos que a circundam:

Por um lado, é necessária a produção de significados, para a formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a percepção subjetiva de si mesmo como um sujeito sexuado. Por outro, é, ao mesmo tempo, ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao “Outro”. (Hall, 2016, p.160)

Assim, podemos compreender a “diferença” enquanto espaço de disputa de sentidos/poder, uma vez que existem tensões que ora a valoriza, ora a marginaliza. O modo como as comunidades surdas são interpretadas nas esferas sociais tendem a ser reproduzidas nos produtos midiáticos, contribuindo assim para a construção das representações.

A (in)acessibilidade e a estereotipagem do surdo na TV brasileira

Nesta seção, apoiando-nos na proposição de Hall (2016) acerca do funcionamento da estereotipagem, a saber, primeiro ocorre a redução, a essencialização, a naturalização e a fixação da diferença, por fim a exclusão do sujeito, com base nesses estágios, intentam-se refletir sobre esse processo na dinâmica da aparição do sujeito surdo na TV aberta brasileira, bem como a acessibilidade nesse contexto. No primeiro momento, discutiremos no tocante à (in)acessibilidade nos telejornais das TVs abertas. Para tanto,

foram averiguados oito canais televisivos [SBT, TV Globo, TV Bandeirantes, TV Record, Redetv, Gazeta, TV Cultura e TV Brasil] a fim de saber se a comunidade surda tem acesso à informação nos telejornais. Por conseguinte, focaremos na participação da *Bixa Muda* na TV Bandeirantes e no SBT, em programas de entretenimento. A investigação foi feita a partir dos materiais encontrados nos *sites* das emissoras e dos seus canais no *YouTube*, além do acompanhamento das transmissões na TV.

Das oito emissoras de TVs averiguadas, apenas a TV Cultura e a TV Brasil apresentam acessibilidade linguística para os surdos pela interpretação em Libras. Os canais abertos mais conhecidos, a saber, Rede Globo, Rede Record e SBT, por exemplo, não garantem à comunidade surda brasileira as informações que são disseminadas para a hegemonia ouvinte. Esse fato reafirma o que Hall (2016) comenta acerca das desigualdades de poder que geram a estereotipagem e a exclusão do diferente.

No Brasil, o Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, é exibido na principal emissora de televisão aberta do país, logo, o que é veiculado no JN é visto por milhões de pessoas. Registramos que a presença da língua de sinais [em matérias] ocorre esporadicamente e, quando isso acontece, se dá de modo opacificado. Na maior parte do tempo, não existe a presença do profissional tradutor intérprete de Libras.

No contexto do JN, a ausência do intérprete demonstra a relação de poder existente na dinâmica entre os diferentes. Hall (2016) aponta que a estereotipagem ocorre quando há poder. Daí, nos remetemos à história dos surdos e nos deparamos com movimentos de “colonização” – a minoria submissa àqueles que ouvem.

A Libras é considerada a segunda língua reconhecida⁶ no Brasil. Por que o maior jornal da TV aberta do país não a insere em sua programação? Descaracterizaria a arte do vídeo tradicionalmente ouvinte? A gestualidade do corpo seria estranha demais para dividir espaço com os ouvintes?

Com base no que fora discutido por Hall (2016), conjectura-se que a estereotipagem segrega grupos considerados diferentes, em detrimento de outros, considerados “normais”. Existe uma tensão nas relações de poder entre esses grupos. A ausência da língua de sinais denuncia que não se considera imprescindível a representatividade e a acessibilidade linguística para milhões de sujeitos. Endossamos, segundo Hall (2016), a “exclusão” enquanto um dos efeitos do processo de

⁶ A Lei 10.436 nos indica a Libras enquanto língua reconhecida, diferente de oficializada, uma vez que, por exemplo, os documentos oficiais do país são estritamente produzidos e divulgados na língua portuguesa.

estereotipagem. Diante do que fora apresentado, conjecturamos a associação do surdo estereotipado à ideia de um “sujeito nulo”.

Como observado, no Brasil, a maioria dos canais abertos ignora a parcela dos cidadãos brasileiros que se comunicam de forma diferenciada, os surdos. Por outro lado, os canais das TVs públicas [TV Brasil e TV Cultura] inserem o intérprete de Libras no canto inferior direito da tela, o que permite o acesso à informação por parte dos surdos sinalizantes. Porém, cumpre ressaltar que a visualização do profissional que sinaliza ainda é desproporcional, dada a dimensão do vídeo. Se, porventura, o falante de Libras tiver algum comprometimento da visão, o acesso fica difícil de ser visualizado, ou até mesmo impossível. O ideal seria a maximização da janela do intérprete, quiçá a presença dele ao lado do apresentador do telejornal. A acessibilidade tende a oferecer conforto, isso significa dizer que, se demandar esforço para o acesso, então, não se trata de inclusão.

As minorias são desfavorecidas por causa de sua marca “diferente”, seja pela crença, pela sexualidade, pela etnia ou pela forma linguística/comunicacional, do mesmo modo ocorre com os surdos. Como apontado por Hall (2016), as (re)produções das representações são pautadas pelas relações de poder – os binarismos –, assim, a ideia em torno dos surdos é delineada pelos ouvintes que detêm o privilégio de ocupar um espaço de “normalidade” em contraste a quem “falta” um dos cinco sentidos humanos.

Na TV aberta brasileira, o protagonismo é majoritariamente ouvinte. As representações dos surdos são moduladas pela perspectiva das pessoas que ouvem. Thoma (2005) afirma que a representação dos surdos na mídia ocorre de modo não linear – a não linearidade das representações diz respeito aos diferentes sentidos dados aos surdos, isto é, seja pela patologia, seja pela culturalidade. Isso faz com que a opinião pública ora se sensibilize pelos limites encontrados pelos surdos no mercado de trabalho, ora superestimamos, considerando-os capazes de realizar qualquer atividade, apesar da deficiência. A estudiosa ainda comenta que:

Devemos observar criticamente a posição da mídia quando fala sobre determinados sujeitos ou grupos sociais: no caso dos surdos ocorre, em geral, uma homogeneização que consiste num tipo de enquadramento que lhes determina características comuns [...] Uma representação desta natureza, que dá ao surdo certas “compensações” pela surdez, pode ser tão perigosa quanto aquelas que lhe delimitam possibilidades. (Thoma, 2005, p. 131)

Nesse sentido, discutiremos a aparição da *Bixa Muda* no programa *Pânico*, exibido no dia 01 de maio de 2015, na TV Bandeirantes. Nele, o sujeito com limitações na audição não é falante de Libras, entretanto, tenta utilizar suas estratégias para o estabelecimento (ou tentativa) de comunicação, bem como gestos e emissão de sons ininteligíveis. No decorrer do programa, todas essas tentativas da *Bixa Muda* para uma comunicação são percebidas de modo cômico. Sua participação é estereotipada, pois emite sons aleatórios, faz mímica e não consegue entender nem ser entendida. A participação da *Bixa Muda* no programa resulta por ridicularizar a comunicação corporal, devido à ausência de alguém para mediar a comunicação, com isso, o corpo surdo é apresentado e representado por meio de uma perspectiva limitadora. Então, podemos observar, na prática, o que fora engendrado por Hall, a redução da *Bixa Muda* pelas suas características, maximizando-as, fixando a sua diferença.

Outro indício da estereotipagem é justamente o modo como a pessoa surda é denominada: *Bixa Muda*. Podemos enfocar aqui o fato de que essa designação possui um viés altamente pejorativo. Primeiro pela sexualidade, pois o termo “bixa” é usado, geralmente, com a intenção de ofender o homossexual, depois, pela condição comunicacional, visto que o termo “muda/mudo” é empregado de modo errôneo para se referir à pessoa que não ouve, uma vez que ser surdo não implica ser mudo. A surdez é caracterizada pelo comprometimento no aparelho auditivo, diferente do que ocorre com os casos de mudez, cuja limitação é no aparelho fonador. É possível inferir que o termo “mudo”, utilizado para indicar o surdo, não está diretamente ligado à semântica da palavra – ausência de som –, pois os surdos, inclusive a *Bixa Muda*, emitem sons, logo, ela não é considerada muda pela ausência de som, mas, sim, pela ausência da comunicação hegemônica. Diante do exposto, entendemos que a representação pela presença da *Bixa Muda* no programa está atrelada à concepção preconceituosa acerca de dois grupos minoritários: surdos (linguístico) e homossexuais (sexualidade).

Em outra aparição, no programa *Qual é o Seu Talento* no SBT, exibido no dia 25 de julho de 2011, a *Bixa Muda*, agora identificada como *Mudinha do Juazeiro*, é ridicularizada enquanto “cantava” a música *I Will Always Love You*, de Whitney Houston. Um dos jurados do programa se refere à participante como “troço”, tratando-a como qualquer objeto.

Rosário e Damasceno (2014), acerca dos pressupostos de Foucault, assinalam sobre o processo de inclusão e exclusão do corpo, de modo que:

A primeira estratégia de prescrição do corpo vincula-se à reflexão de Foucault (1996) sobre os princípios do discurso que têm por objetivo dominar os seus poderes, entendidos como a interdição e a rejeição. Nessa via, podemos vislumbrar as ações discursivas que, através do interdito, visam ou a inclusão ou a exclusão, ou ambas ao mesmo tempo, e que têm como meta o controle sobre os destinos dos sujeitos do discurso, bem como do próprio discurso. (Damasceno; Rosário, 2014, p. 71)

Por esse viés, Damasceno e Rosário (2014) pontuam sobre as prescrições que determinam como o corpo (pelo padrão estético ou intelectual) aparece no cenário televisual. Os autores comentam que alguns quadros de humor valorizam a exclusão daqueles que não se enquadram no padrão estabelecido, ou seja, corpos entendidos por belos (segundo o padrão hegemônico), que possuem desenvolvimentos impecáveis frente às câmeras.

No caso da *Bixa Muda*, o corpo excluído pela estereotipagem é incluído na tela das emissoras. Entretanto, essa “inclusão” explicita a desqualificação do diferente, aquele que foge dos padrões exigidos na TV. As pessoas que não atendem às exigências estéticas e comportamentais são mostradas pelas suas características – diferentes do padrão – de modo exagerado, dando ênfase aos estereótipos. A esse respeito, Damasceno e Rosário (2014) comentam acerca da inserção do diferente na TV: “[...] operam sobre a palhaçada, a bagunça, a incoerência, com a meta de produzir audiência. Mesmo conseguindo espaço televisivo, os ajudantes de palco ainda estão sujeitos a certas interdições: à lógica, à seriedade, à organização, à formalidade.” (Damasceno; Rosário, 2014, p. 73). Ademais, a estratégia da interdição é caracterizada tanto pela inclusão quanto pela exclusão.

Posto isso, entendemos que, com base na interdição, a presença da *Bixa Muda* nos programas mencionados opera pela tensão entre a inclusão e a exclusão do sujeito surdo. Portanto, na TV, temos que o corpo surdo é estigmatizado e excluído por conta da sua forma de comunicar, pelos gestos e emissão de sons aleatórios. Todavia, o corpo é explorado pelo humor, o que pode levar a uma popularidade para a pessoa exposta, mesmo que seja pela ridicularização. De modo contrário, esse tipo de representação exclui os surdos, fluentes ou não em Libras, pois, por exemplo, enquanto a *Bixa Muda* emite sons, toda a plateia ora ria ora aplaudia, como em um picadeiro de circo. O objetivo da participação da *Bixa Muda* no programa do SBT, fazendo uma performance musical, foi evidenciar a limitação auditiva, de modo que, nitidamente, a participante não oraliza

inteligivelmente nem sinaliza fluentemente a língua de sinais. Além disso, houve a ausência de alguém que soubesse se comunicar com ela.

Com o que fora discutido, percebe-se que a TV pode ser um instrumento potencial para influenciar as construções das representações acerca de um determinado grupo social. Pelos antagonismos de sentidos possíveis às representações evidenciadas nesta argumentação, existem concepções da comunicabilidade dos surdos por perspectivas distintas que dão margem a diversas matrizes de sentidos, pelo *modus operandi* da estereotipagem, como, a percepção do surdo pelo viés do capacitismo⁷, pela culturalidade, pela incapacidade, dentre outros.

Considerações finais

O objetivo da pesquisa foi estabelecer uma discussão concernente às representações do sujeito surdo na TV aberta brasileira, apoiando-nos nos postulados de Hall (2016) sobre o processo da estereotipagem. Ademais, vislumbrar como essa representação pode romper ou perpetuar os estereótipos criados sobre esse grupo de pessoas. Para tanto, disscorremos à respeito das visões sobre os surdos inscritas na história, bem como, a perspectiva do colonizador – o ouvinte. Outrossim, expomos as ideias alicerçadas aos vieses socioantropológico e clínico-terapêutico, esses que estão estritamente ligados à representação da diferença como positiva ou negativa.

Compreendemos que as estereotipagens são estabelecidas mediante às desigualdades entre os atores sociais. Além disso, entendemos que a diferença pode ser significada como fator desencadeador de representações positivas ou negativas. Assim, temos que a “[...] estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’ [...]” (Hall, 2016, p.191); Nesse processo de representação, que polariza os “diferentes”, averiguamos a (in)acessibilidade nos telejornais e a aparição da *Bixa Muda* em programas de entretenimento. De antemão, levando-se em consideração que os sentidos são multifacetados, o estudo não visou estabelecer respostas exatas sobre o fenômeno enfocado, mas apresentar os sentidos que foram relevantes durante a prática analítica.

Portanto, ao término da análise, a TV ouvinte demarca um espaço hegemônico em que o sujeito com surdez é representado dando relevo às suas diferenças

⁷ É um tipo de discriminação que consiste no preconceito em relação à capacidade cognitiva e corporal das pessoas com deficiência.

[comunicacionais], conseqüentemente, fazendo emergir os estereótipos que foram historicamente construídos à respeito dos surdos. Conclui-se que, em geral, a TV aberta brasileira não oferece acessibilidade ao sujeito surdo. Além do mais, a representação da *Bixa Muda* é operada pela ridicularização/comicidade.

Referências

- DAMASCENO, Alex; ROSÁRIO, Nísia Martins do. **A prescrição do corpo televisivo: interdição, autoria, repetição e trans-aparência.** Rev. Comun. Midiática (online), Bauru/Sp, V.9, N.2, p. 68-81, mai./ago. 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. RJ: Ed. PUC, apicuri, 2016.
- OLIVEIRA, Liliane Assumpção. **Fundamentos históricos biológicos e legais da surdez.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Ser diferente é ser diferente: a quem interessam as minorias? In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Linguagem, sociedade, políticas.** Porto Alegre: Univás; Campinas: RG, 2014.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 11. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2013.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2. ed. (rev.) Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- STROBEL, Karin. **Surdos: Vestígios culturais não registrados na história.** Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação -UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- STROBEL, Karin. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2009.
- SKLIAR, C. (Org.). Educação e exclusão: abordagem socioantropológica em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- THOMA, Adriana da Silva. **O cinema e a flutuação das representações surdas: “Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...”** Porto Alegre, UFRGS. (Tese de Doutorado), 2002.